



PERCEPÇÃO QUANTITATIVA DA FAUNA SILVESTRE EM FLORESTA PLANTADA, A PARTIR DA VISÃO DO PRODUTOR RURAL

Danielle de Moraes Lúcio¹

Maraísa Costa Ferreira; Gracielle Raissa Fernandes Damasceno; Paulo Rogério Soares de Oliveira; Laércio Antônio Gonçalves Jacovine

Danielle de Moraes Lúcio¹ danimoraesluc@hotmail.com

- Maraísa Costa Ferreira¹

- Gracielle Raissa Fernandes Damasceno¹

- Paulo Rogério Soares de Oliveira²

- Laércio Antônio Gonçalves Jacovine³

¹ Acadêmicas de Engenharia Florestal - UFRN, Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias, Natal/ RN.

² Prof. Dr. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal/ RN.

³ Prof. Dr. Universidade Federal de Viçosa UFV, Viçosa/MG.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, conforme os trabalhos de Oliveira (2003) e Valverde (2005), têm se percebido que a silvicultura nas propriedades rurais se tornou mais atrativa economicamente, e com isso, vários pequenos e médios produtores rurais tem ingressado nesta atividade. Segundo Abreu (2008), das espécies utilizadas para a formação de florestas plantadas, o eucalipto (*Eucalyptus spp.*) tem sido o mais utilizado em programas de fomento florestal junto ao produtor rural, em especial, aqueles implantados no Estado do Espírito Santo. As florestas plantadas podem servir, em vários casos, como área de abrigo, refúgio e nidificação de várias espécies da fauna. Isso se deve ao ciclo de corte ser bastante diferenciado de uma cultura tipicamente agrícola, ou seja, ciclos de em média 7 anos. Outro fato que contribui para isso, é que, durante o ciclo da floresta plantada, ocorrem dois picos de máxima movimentação de pessoas e máquinas na área, ou seja, na fase de implantação e na fase de corte da floresta, restando então a fase de manutenção com a característica de haver uma menor movimentação de pessoas, que favorece a permanência e visitação de animais silvestres na área. Nesse sentido, este trabalho apresenta as percepções dos produtores rurais, sobre a quantidade de animais

silvestres antes e depois da implantação da floresta plantada em suas propriedades.

OBJETIVOS

Este trabalho objetivou mostrar a percepção do produtor rural, participante de um contrato de fomento florestal, sobre a quantidade de animais silvestres, antes e depois da implantação da floresta plantada em suas propriedades.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado nas áreas de abrangência do programa de fomento florestal da antiga Aracruz Celulose, no Estado do Espírito Santo. A fonte de dados inicial foi fornecida pela empresa, através do Mapa dos Municípios com Áreas do Fomento, onde consta a relação do número de contratos do programa de fomento florestal da mesma por município. Foram aplicados questionários junto a 235 produtores rurais, em 16 municípios de 7 microrregiões capixabas, chegando a uma intensidade amostral de 20,7%. Os produtores foram estratificados de acordo com a experiência que

tinham com um contrato de fomento florestal. Denominou - se como: F = Contrato finalizado, ANF = Contrato em andamento, FR = Contrato finalizado e renovado. Assim, os produtores categorizados como F e FR, seriam aqueles que acompanharam o ciclo total da floresta plantada, enquanto que, aqueles categorizados como ANF, ainda estavam em algum momento do ciclo de 7 anos, podendo ser em qualquer idade abaixo desta.

Os dados foram tabulados na planilha eletrônica do Excel, e o seu processamento foi realizado através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), um programa desenvolvido para as Ciências Sociais que permite análises multivariadas.

RESULTADOS

Foi perguntado aos produtores rurais, como era a quantidade de animais silvestres observados antes da implantação da floresta plantada. Como opções de resposta, foram dadas as seguintes alternativas: “Tinha em grande quantidade”, “Tinha alguns”, “Tinha muito pouco”, “Tinha nenhum”. Nas três classes de produtores: F, ANF e FR, a maior indicação foi para a alternativa “Tinha pouco”, com respectivos 35,0%, 26,9% e 35,8%.

Quando perguntados sobre o que ocorreu com a quantidade de animais silvestres na propriedade, após a implantação da floresta, as alternativas de respostas foram: aumentou, diminuiu ou se manteve.

Daqueles produtores na classe F que responderam que “tinha pouco”, 45% deles disseram que a quantidade aumentou, 18,2% disseram que diminuiu e 31,8% disseram que se manteve.

Daqueles produtores na classe ANF que responderam que “tinha pouco”, 34,6% disseram que a quantidade

aumentou, 3,8% disseram que diminuiu e 57,8% disseram que se manteve.

Daqueles produtores na classe FR que responderam “tinham pouco”, 26,7% disseram que a quantidade aumentou, 20,0% disseram que diminuiu e 53,3% disseram que se manteve.

Percebe - se que, nas três classes de produtores, após a implantação da floresta plantada na propriedade, as maiores porcentagens de respostas indicam para o aumento ou manutenção na quantidade de animais silvestres na propriedade.

CONCLUSÃO

A partir da percepção dos produtores rurais envolvidos no principal programa de fomento florestal do ES, pode - se inferir que, devido à baixa movimentação de pessoas durante a fase de manutenção da floresta plantada (anos 2, 3, 4, 5, e 6), esta configura - se, diferentemente de outras áreas de cultivo na propriedade, em um ambiente mais propício para visitação de animais silvestres, com objetivos os mais diversos, como refúgio, procura de alimentos, caça, nidificação e outros.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Z. L. de. Uma análise da responsabilidade socioambiental do setor de celulose e papel como fator de iniciativa para médias e pequenas empresas. *Revista Dica, Agudos*, v. 1, n. 1, p. 1 - 12, 2008.
- OLIVEIRA, P.R.S. de. Diagnóstico e indicadores de sustentabilidade em fomento florestal no Estado do Espírito Santo.
- VALVERDE, S. R. *et al.*, Participação do setor florestal nos indicadores sócio - econômicos do estado do Espírito Santo. *Revista Árvore*, v.9, n.1, p. 105 - 113, 2005.